

No truque: fluxos migratórios de travestis brasileiras à Espanha sob uma perspectiva transnacional

Maria Cecília Patrício

A perspectiva utilizada neste artigo, que se propõe a analisar os fluxos migratórios de travestis brasileiras para a Europa, o caso de Espanha, será o da transnacionalização, como fenômeno da globalização, e com isso a construção de identidades no processo em que elas estão inseridas.

A discussão reporta Stuart Hall (2001, 2003) quando trata de identificação fazendo parte de um *complexo de processos e forças de mudança* (Hall, 2001, p. 67), a globalização, enquanto condição que as atraiem para o novo, para uma nova situação de vida, de espaço e de comportamento localizado em uma situação *diaspórica* (Hall, 2003). Exatamente a situação de *migração de trânsito* (Castro: 2004) impulsionada pela *classe e por resposta a globalização do capital* (Castro, 2004, p. 6). Por isso emigração repetida, tal como defende Sayad (1998).

Este complexo de processos e forças de mudança fornecem, segundo Hannerz (1997) *os contextos para nossa reflexão sobre cultura* (Hannerz, 1997, p. 2), e a construção sobre brasilidade e travestilidade segundo um pertencimento ao próprio processo de *fluxo* de pessoas no mundo.

É a abordagem sociológica que se destaca na concepção que adoto sobre globalização, no que afirma Martes, como

uma abordagem capaz de incorporar o atual processo de integração entre os países de destino e de origem dos fluxos migratórios, focalizando os movimentos dentro do processo de globalização e reorganização econômica e chamando a atenção para o avanço tecnológico e o barateamento dos meios de comunicação, como componentes facilitadores do acesso e da circulação de informações acerca das oportunidades externas. (Martes, 1999, p. 44).

Para Arango (2007), não apenas “la penetración de las economías más desarrolladas en los países menos” (*apud* Vanguardia, 2007, p. 11) desenvolvidos é causa das migrações internacionais. Outras facetas da globalização contribuem para se viajar, seja de forma definitiva – migrando para fazer a vida em outro país, – ou passageira –, como turista, mesmo que se firmando em outro país depois da primeira viagem: o desenvolvimento dos transportes, que comprime espaço e tempo (Hall, 2001, 2003), das comunicações e da informação (Arango *apud* Vanguardia, 2007) é uma delas. Fatores que valoram cada vez mais a “uni-

Este artigo é parte integrante da tese de doutorado intitulada No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras. Defendido em 22 de dezembro de 2008, pela UFPE. Foi produto de pesquisas em Recife, financiado pela Capes desde 2004, e Madrid, financiado pelo CNPq, entre 2006 e 2007.

Maria Cecília Patrício é doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e professora de Sociologia das Faculdades Decisão.

formidad de la cultura de masas, pero al mismo tiempo diversas formas de identidades (...) aparecen en el ámbito público y se reconstruyen en respuesta a la uniformidad” (Martiniello *apud* Vanguardia, 2007).

É importante também analisar as redes sociais no elo do processo migracional das travestis brasileiras para a Espanha, seja na origem ou na sustentação dos fluxos, realizados pelas próprias envolvidas nestes movimentos entre nações. Desta forma, é o local dentro do global que se destaca (Hall, 2001), quando pensa na identidade delas estando ou não no Brasil. Porque na Europa que elas se destacam como brasileiras, e estando no Brasil, as que circulam pelo mundo, se destacam como europeias. Um jogo de identidades que dialoga muito bem com o global e com o local, através de disposições duráveis e transponíveis que funcionam a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações que se realizam em determinadas condições sociais. (Bourdieu, 1989a).

Hannerz e seu conceito de cultura enquanto processo, enfatiza que “apenas por estarem em constante movimento, sendo sempre recriados, é que os significados e as formas significativas podiam tornar-se duradouros (...). E, para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la, discutí-la e transmiti-la” (Hannerz, 1997, p. 4). Justamente o que aparenta fazer as travestis ao representar o Brasil nas suas falas e comportamentos enquanto brasileiras.

Na perspectiva de emigrante e imigrante, desenvolvida por Sayad (1998), “quem sai de seu lugar é a mesma pessoa que chega no lugar dos outros, na terra dos outros”. Como

A migração de travestis brasileiras para o território espanhol, principalmente para Madrid, se configura como circulação migratória, o que muitas vezes nega a possibilidade de fixação de residência, diferente da situação de muitos brasileiros, não travestis, que migram para este mesmo país.

ele próprio aponta,

como duas faces da mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal – e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante (Sayad, 1998, p. 14.)

Pois assim são as travestis brasileiras que saem do seu

país, as mesmas que, no período mínimo de três meses, retornam, já com planos concretos de voltar à Europa, assim que resolverem seus assuntos financeiros e familiares e de contatos com as pares em seu lugar.

Por conta disso, o termo migração é importante para pensar o deslocamento de travestis do Brasil à Europa e seu retorno. E concordo com Sayad, quando afirma que todo o itinerário do (i) migrante “é epistemológico porque se dá no cruzamento das Ciências Sociais (...) [em] um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente...” (1998, p. 15) como um *fato social*. Assim como a discussão, segundo Martes (1999), é interdisciplinar.

Hall, ao tratar de globalização, já adiantara que “desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços entre as nações.” (2001, pp. 68-89). Para ele, as identidades nacionais “estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do ‘pós-moderno global’” (2001, p. 69).

Por um lado Hall tem razão, quando constatamos que a cada dia se defende o consumo de bens e os comportamentos ditos de origem europeia, prevalecendo nos discursos de pessoas que circulam por este continente. Todavia, não podemos descartar a preservação de identidades nacionais neste constructo, neste processo migratório circular que as travestis brasileiras preservam, pois, “outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições-de-identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas” (2001, p. 84).

Desta forma, a globalização contribui para a negociação, muitas vezes de forma obrigatória, com as novas culturas em que as pessoas passam a viver, “sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (Hall, 2001, p. 88). Por isso, as trans, enquanto migrantes, são “o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular). (...) Elas são irrevogavelmente traduzidas”¹ (Hall, 2001, p. 89), pela cultura do outro, lidas, pelas demais colegas que ficaram no Brasil, como possuindo outra identidade.

Pois pertencem a dois mundos, quando se fala de Brasil e Europa. Ou, mais que isso, quando se fala de Brasil e Espanha, Brasil e Itália, Brasil e Suíça, Brasil e Portugal... São

o produto das novas diásporas (Hall, 2003) criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles [elas] devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. (Hall, 2001, p. 89).

Porque, assim como as suas viagens são situações diaspóricas, suas identidades são também situações, identificações com culturas, pessoas e lugares que circulam, seja no momento em que estão fora do Brasil ou mesmo quando estão dentro dele.

Espanha: nova rota na história dos fluxos migratórios

O Brasil de imigrantes do século XIX e começo do XX, de italianos e japoneses por exemplo, passa a país de emigrantes. De país receptor (*Arango apud Vanguardia*, 2007) passa a ser país de origem na migração internacional.

Ao longo da História, o fluxo inverte. Sales afirma que a saída de brasileiros para morar em outros países evidentemente existiu em outros períodos e continua existindo ainda hoje, sem que isso tenha se configurado, contudo, uma corrente migratória, no sentido em que este conceito é empregado nos estudos sobre esse assunto (1991, p. 21).

A Espanha é um destino muito recente de imigrantes. A partir da década de 70, é possível obter registros de trans brasileiras no território europeu.

Outrossim, a migração de travestis brasileiras para o território espanhol, principalmente para Madrid, se configura como circulação migratória, o que muitas vezes nega a possibilidade de fixação de residência², diferente da situação de muitos brasileiros, não travestis, que migram para esta mesma cidade e país.

Segundo Castillo y Villegas, “en los últimos 50 años América Latina e Caribe ha ido disminuyendo su atractivo como polo de inmigración, acentuándose los flujos migratorios tanto en su interior como principalmente hacia Estados Unidos, Europa y Japón” (*Vanguardia*, 2007, p. 53). No caso do Brasil, estes autores destacam a presença de brasileiros em Portugal, Bélgica e Japão. No caso da Espanha, as brasileiras mulheres formam um coletivo de imigrantes maior que o de brasileiros homens. Castillo y Villegas, destaca em seu estudo, a grande mobilidade como característica da imigração latino-americana. Chegando a famílias inteiras se revesarem na circulação pelo mundo e repartirem-se entre Espanha, Itália, França ou Inglaterra.

Destino Espanha

A Espanha é um destino muito recente de imigrantes. Como afirma Cachón:

Si entre mediados de los 70 y mediados de los 80 el número de inmigrantes en España se multiplicó por dos, lo mismo ocurrió entre esa fecha y mediados de los 90. Pero en la última década se ha multiplicado casi por seis, pasando del medio millón de extranjeros con tarjeta o autorización de residencia en 1995-1996 a los 2.800.000 en junio de 2006, que rondarán los 3.000.000 a finales de año. Esto supondrá casi el 7 por ciento de la población total en España (Cachón, 2007, p. 68).

Segundo o mesmo autor, 35% dos imigrantes são latino-americanos, distribuídos de forma desigual por todo o país. Madrid está em segundo lugar em número de imigrantes regularizados no censo para o seu estudo. A maioria é constituída por pessoas jovens, com destaque para as mulheres (56% latinas).

A partir da década de 70 é possível obter registros de trans brasileiras no território europeu. É possível também encontrar saídas de brasileiras para a Espanha, como registrado em periódicos e livros sobre o mundo do espetáculo na Espanha. Como retrata o livro autobiográfico de Pierrot (2006) sobre uma entrevista que o próprio realizou com Mr. Arthur, em 1982, acerca de Lorena Capelli:

La Lorena Capelli, la primera vez que vino a España, vino con su marido y un enano. Me la presentó el difunto Diego de la calle conde del Asalto, me la presentó en su casa, que se le había escapado el marido... ya venia ella vestida de mujer, porque el padre de la Capelli era del Cuerpo Diplomático Brasileño y ella ya tenía un papel para la policía que podía vestir de mujer por la calle. No estaba operada ni nada ella. Cuando estuvo con nosotros era una gran persona... el carácter se le puso cuando se marchó a Paris, que fue cuando se enrolo en el carrusel de París y venía hecha, quiero decir que ya no traía la nariz suya y ya venía con silicona y ya venía trastornada...

Na Revista Triunfo, de 1977, Antônio Burgos dissertava sobre as travestis e a travestilidade no território europeu. Embora, com o recorte da época, este periodista une a travestilidade à homossexualidade:

(...) hay un grupo, dentro de los homosexuales, que no sólo continúa padeciendo la represión franquista, sino que en la ola de libertades públicas ha sido presa fácil de una manipulación consumista en el mundo del cine y del espectáculo. Son los viejísimos imitadores de estrellas, ahora, dicho a la europea, travestis. (...) el travestismo tiene unas viejas raíces en el mundo español del espectáculo; sólo que el general cortó de raíz estas manifestaciones. Acabada la rabia, el fenómeno ha vuelto a aparecer en toda su grandeza subterránea. (...) En los más duros años de la dictadura, cuando no solamente se perseguía con la Ley de Vagos y Maleantes a los imitadores de estrellas, sino que los eminentísimos señores cardenales - arzobispos dictaban penas de excomunión contra los espectáculos dichos revisteriles de las estrellas imitadas, por las ciudades y pueblos de Andalucía, Extremadura, Canarias, había hombres de dudoso sexo que secretamente imitaban las canciones y los contoneos de doña Concha Piquer, de Carmen Miranda, de Mari Paz. (...) El travestismo está de moda y sus productos subculturales son comercializados sin miramientos, tal como son vendidos en circuitos industriales los 'posters' del Che o los discos con las canciones de la resistencia española (1977, p. 41).

Em “El País”, de 1989, um artigo chama a atenção para o fenômeno da travestilidade e a prostituição de brasileiras:

(...) Un brasileño, con aspecto de jugador de la NBA, parece una hembra despampanante maquillada y arreglada. Va subida en unos potentes tacones y luce ropa interior de cuero; el sostén deja al descubierto las enormes tetas de silicona y las bragas son un triángulo mínimo. Como complemento se cubre con un abrigo. Cuando el cliente pára su vehículo junto a la acera, ella se acerca, descubre lo que oculta el abrigo, adopta una pose seductora y comienza el trato. (*El País*, 1989, p. 9.)

Mais a frente, no mesmo artigo, fica evidente a presença indesejada de brasileiras travestis, principalmente as que fazem *trottoir*:

Brasileños fuera

En los últimos dos meses, 17 travestidos brasileños han sido expulsados del país. La medida ha sido aplaudida, incluso, por los travestidos nacionales, que los acusan de estar en la calle desnudos. Las brasileñas son, sin duda, las más exuberantes; de ellas se dicen también que son portadoras del mejor SIDA del mundo. Los brasileños abandonan su país agobiados por la competencia, perseguidos por la policía y aterrorizados por el SIDA. En España, Francia o Italia - los tres países incluidos en su ruta - encuentran mercados más productivos y niveles de vida más altos. Unos entran como turistas, en vuelos regulares, y otros pasan ilegalmente a través de Portugal. No permanecen mucho tiempo en ningún sitio. La policía asegura que sus desplazamientos van seguidos siempre de un buen golpe. ‘Muchos son delincuentes y se dedican a dar palos a los clientes’, asegura un inspector de la zona Centro. Los duermen por el procedimiento del *pastillazo* o recurren al atraco con intimidación. Después de un golpe fuerte lo normal es que se *abran* una temporada.

Em consonância com a criação da categoria transexual relacionada à visão de patologia e sanitarismo na Espanha, a Aids é muito forte como imagem do outro, e por isso não é raro se pensar que os imigrantes são responsáveis pela proliferação do vírus no país.

Un ejecutivo que en alguna ocasión ha mantenido relaciones con travestidos asegura que ‘algunas lo llevan muy bien, son muy agradables, leen novelas, tienen una cierta cultura; otras, sin embargo, se dedican a la delincuencia’. (*El País*, 1989, p. 10.)

Seguindo um conceito higienizador e de superioridade europeia, a Espanha se inclui como mercado produtivo para as trans que aqui, na América Latina, não possuem trabalho nem têm sossego, por causa dos policiais (Silva, 2008). O que lá também sofrem com as leis de estrangeiria. Estas últimas citações demonstram que a presença de

travestis no território espanhol já era marcante, embora a incidência fosse maior na França e na Itália do que na Espanha em se tratando de saída direta desde o Brasil, e principalmente no imaginário das trans.

Em consonância com a criação da categoria transexuais relacionada com a visão de patologia e sanitarismo espanholas, a imagem da Aids é muito forte como imagem do outro, e por isso não é estranho se pensar, na Espanha, que os imigrantes são os responsáveis pela proliferação do vírus no país. Esta crença está presente nos discursos xenofóbicos e homofóbicos (generaliza para transfóbicos também).

Sobre o tráfico de seres humanos

O tema em tela periódico aponta para uma situação de irregularidade no trânsito de brasileiros na Espanha, e propõe a discussão do tráfico de seres humanos conforme o conceito de Tráfico do Protocolo de Palermo, adotado em 2000, que admite ser:

o recrutamento, o transporte, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo a ameaça ou o uso de força ou a outras formas de coerção, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos (Artigo 3-A).

Com base neste conceito, muitas ONGs lutam contra o tráfico sem sequer analisar a situação verídica das pessoas que estão envolvidas nos esquemas. Muitos estudos, tal como relata o Grupo Da Vida (2005) são meros enfoques de compilações de dados, de forma mal interpretada e pouco avaliada, quando se trata da fonte. Por isso, é importante, em relação a este assunto, ter cuidado com o uso do termo tráfico de seres humanos, principalmente quando se trata de caracterizar como objeto do tráfico as travestis brasileiras que buscam na Espanha uma forma de conseguir dar certo na vida através da circulação entre países, realizando a atividade prostitucional como trabalho.

Não se poderia afirmar que as travestis brasileiras são produto do tráfico de seres humanos, uma vez que desde muito cedo elas recebem aprendizagem de colegas e cafetinas, que já foram para a Europa, sobre o continente ser o lugar onde estão as melhores lojas de grife internacional, onde todo o glamour é possível para as pessoas comuns, onde se é livre para assumir sua sexualidade e onde estão “os homens mais lindos do mundo”? (Palova.)

Como afirmar que não há tráfico de seres humanos se

a propaganda da Europa inclui a possibilidade legal do casamento entre pessoas do mesmo sexo biológico? O que geria a possibilidade de se conseguir a dupla nacionalidade, e melhor: poder circular livremente entre países. Tal inculcamento seria uma espécie de “recrutamento” desde a tenra adolescência? E poderia contribuir para que, na primeira oportunidade, a travesti fosse “transportada” por sua colega, cafetina amiga, ou amiga da amiga que já foi “financiada”?

Vale ainda ressaltar que na Espanha as travestis são recebidas e alojadas segundo um esquema de “acolhida” já montado desde o Brasil, no qual se inclui o “transporte” desde o aeroporto, comida, pensão, ponto – quando se pensa o trottoir –, ou piso determinado – quando se pensa o responsável pelo espaço, ou mesmo o quarto –, quando se pensa no “Club de Alterne” em que o representante do artista é o responsável pela contratação da travesti para a casa de show.

Este esquema de acolhida pode ser entendido como tráfico de seres humanos quando inclui o alojamento e acolhimento em um lugar onde só o lado positivo é destacado. Principalmente quando se vai pela primeira vez, sem ter informações suficientes sobre o local, nem dinheiro para suprir os gastos próprios da viagem, alojamento e entrada/estada no país. Mas, também quando se pensa que a dívida e a obrigatoriedade de pagá-la, mesmo através de coação simbólica, configura-se em tráfico.

Nem sempre enfrentar situações difíceis, principalmente de desconhecimento do lugar destino constitui tráfico. A entrada na Espanha como turistas caracteriza o evento como “irregular”, porque as migrantes ficam mais tempo do que o determinado no passaporte. Ou seja, muitas “prolongan su estancia e trabajan” (Baldwin-Edwards, Sciortino, 2007) naquele país por mais tempo que o do-

Deve-se ter cuidado ao caracterizar como tráfico de seres humanos o fluxo de travestis brasileiras que buscam na Espanha uma forma de “dar certo na vida” através da circulação entre países, realizando a atividade prostitucional como trabalho.

cumento determina. O que não significa dizer que com o visto de turista, elas podem trabalhar, como acontece também com outras pessoas de diversas nacionalidades que chegam todos os dias à Europa.

Mesmo que a entrada na Europa seja, para a maioria, realizada de forma clandestina, não é o tráfico que desencadeia o processo de chegada, instalação e circulação entre países, pois é possível preservar as perspectivas migratórias e suas identidades, principalmente laboral e não reconhecida nos países em que elas circulam.

Lehmann-Karpzov, em seu estudo sobre turismo sexual entre homens alemães e mulheres brasileiras no Recife, de-

senolve a idéia de que o turismo pode ser “uma excelente oportunidade para a aproximação e troca de experiências entre pessoas de diferentes culturas (...) [podendo ser também] uma tendência para reforçar as relações de dependência dos povos subdesenvolvidos e em desenvolvimento para com os povos desenvolvidos, criando, deste modo, uma forma moderna de neocolonialismo, correspondente às antigas estruturas coloniais” (Lehmann-Karpzov, 1994, p. 45).

Aqui fica claro que, mesmo não trabalhando sob a perspectiva do turismo, é importante pensar sob este ponto de vista quando se concretiza como uma ferramenta de uso para atravessar a fronteira entre países, embora não seja uma ação que as trans assumam em suas falas, estando na Europa.

O fato de elas entrarem na Espanha como turistas faz parte da hierarquização entre países. Ser turistas é apenas uma disposição documental que encontram para transpor a linha que separa Brasil da Espanha. Elas, enquanto migrantes, têm nos documentos a condição de turista. E, antes de se firmarem nesta condição, têm nos turistas de países ricos que vêm ao Brasil, um instrumento para ampliar os contatos na Europa. Desta maneira, iniciam seus deslocamentos entre países visando trabalhar em um e morar em outro, reconhecendo assim a hierarquia.

Laura Agustín (2000) afirma acerca da ida de travestis à Espanha. Elas “no se describen como ‘forzadas’” (2000) em relação ao fato de realizarem trabalhos sexuais, à sua migração e às condições de exaustão que o mercado do sexo impõe, principalmente em pisos. A imprensa na Europa, como também no Brasil, além de estudos jurídicos e comprometidos com dados de governos, apresenta a temática “en términos de víctimas engañadas”, realçando o caráter de tráfico de seres humanos para todos os migrantes que vão para a Europa a fim de realizar trabalhos sexuais.

Com as travestis não funciona dessa maneira, principalmente quando se trata da Espanha. As condições também são destacadas por Agustín, em seu texto:

Otro estereotipo es pensar que hay sólo dos posibilidades: o ser libre o ser semi-esclavizado. El caso es que hay una gama muy variada de estados entre estos extremos. Entre personas que trabajan por su cuenta, algunas tienen ‘chulos’[cafetão] y otras no. Muchas dan dinero a su novio o novia libremente, como muchos hombres lo dan a sus novias o esposas. Hay familiares que comparten pisos e ingresos y amigas que trabajan juntas. Existen personas contratadas para clubes que casi no tienen vida fuera, incluso son trasladadas de sitio en sitio sin ser consultadas. Sin embargo, algunas de éstas se conforman con esta situación porque así ahorran más dinero y se sienten más seguras. Otras están atrapadas de verdad. Hay que hablar de situaciones específicas (2005, p. 119).

Agustín (2000) afirma que as travestis são transladadas de lugar a lugar, pisos, sem serem consultadas, como uma prática, dentre tantas tantas que ocorrem a quem se inclui no mercado do sexo na Espanha.

Em uma das conversas complementares às entrevistas, Duda relata sobre sua mobilidade, o que indica uma liberdade de controle delas quanto ao trabalho que realizam na Espanha:

Bom. Isso é o seguinte: as *plazas* são assim: são casas³ que você trabalha às vezes sozinha, às vezes 2 trans, 1 mulher e

Na Espanha, as travestis são recebidas e alojadas segundo um esquema de “acolhida” já montado desde o Brasil, no qual se inclui o transporte desde o aeroporto, comida, pensão, ponto ou piso determinado.

um homem que trabalham também, as vezes várias trans. Depende muito do movimento. E as praças⁴ você consegue através das amigas que estão acostumadas a fazer. Ou através das próprias donas de piso, que passam o telefone de outros pisos em outras cidades. Só você ser bacana que tem tudo. O contato é direto mesmo, sem intermediários. Você tendo o telefone, liga e pede praça. Alguns pisos marcam com antecedência, ou depende também da sua referência, sabe né? Rsrrrs. (Duda.)

Com esta fala, verifica-se a existência de situações específicas que descaracterizam a situação do fluxo migratório das travestis brasileiras como tráfico de seres humanos. É preciso detalhar mais sobre os motivos pelos quais não está clara a situação de circulação Brasil-Espanha neste trabalho como sendo tráfico de seres humanos. Primeiro: no caso do Recife, em relação à Espanha, a configuração do processo de disposições que indica o tráfico de seres humanos é muito pouco caracterizado, por isso não comprova a ida de travestis como uma questão de tráfico: uma rede de cafetinagem, como historicamente persiste, no caso da Itália. O que se percebe é uma rede de contatos, de ajuda e acolhida entre algumas delas, ou entre grupos de travestis daqui que já foram e os que já estão lá. Sobre este ponto, vale ressaltar, em uma das falas, algo importante:

Eu tô com a proposta de cinco cafetinas italianas. Porque aqui existe tipo um comércio de travestis. Vem cafetinas da Itália em setembro pra levar as bichas no final do ano e no carnaval, que é a época mais fácil de passar pela fronteira italiana. Aí ela vem buscar as bichas, vê as bichas que estão no auge no Recife, as mais bonitas, as que são mais bem dotadas, que têm o pênis maior e batem portinha - batem portinha é quem mais fazem programa que tem mais axé pra chamar homem. (...) Elas trabalham com a cafetina durante um determinado tempo, vão cafetinadas geralmente por 13 a 14mil euros, certo... Mas, lá elas vão ter hospedagem, a casa, o ponto delas, passagem, 3mil euros para entrar na fronteira italiana, porque tem que tá com dinheiro

senão você não passa, passaporte e tudo. E lá você paga a ela. Trabalha uma semana pra você e uma semana pra ela, certo? (Anônimo.)

São disposições como esta que dão à rota Recife-Itália a característica de rota de tráfico. Em relação à Espanha, não houve uma só fala que caracterizasse a rota desta maneira. Essas cafetinas, que a interlocutora aponta, podem ser pessoas de nacionalidade brasileira que se estabeleceram na Itália e fazem este tipo de comércio. Na Itália já existe uma quantidade grande de travestis brasileiras, o que constitui uma atração e proporciona uma certa segurança para compensar o fato de estarem longe de casa. Como afirma Aleika, por *MSN* da Espanha:

existe algumas trans que conheço que fazem shows aqui em cabaret e casas de espetáculos, outras que fazem faxina, numeros de samba na alemanha e etc... normalmente 90% das trans prefere Italia mesmo, até porque la tem muitas já. talvez por isso se senti mais a vontade e ao lado das amizades [sic].

O que acontece na Espanha é um processo diferenciado, principalmente pela quantidade de travestis brasileiras ser menor, historicamente, que na França e Itália. A ida delas para a Espanha, em termos de acesso a companhias aéreas, acontece da mesma forma que para a Itália. Só há um voo de Recife para Portugal (TAP), e a partir de lá o acesso é feito por companhias locais para a Itália ou a Espanha. Assim, soma-se à falta de uma rede de cafetinagem organizada das trans do Recife para a Espanha, diferente do caso da Itália, pode ser uma característica específica da rota pela falta de voos diários, mas também pode ser a marca de um trânsito que ainda não foi firmado, assim como já aconteceu com a rota Brasil-França/Brasil-Itália.

As travestis que vão para a Europa são todas maiores de idade, por isso respondem por si mesmas desde há muito, acrescentando a isso sua condição de autônomas, *auto-empregadas* (Grupo da Vida *apud* Pagu, 2005), em relação a própria atividade que realizam no Brasil.

Em relação à exploração, o fato de haver um acordo tácito antes do desembarque na Espanha descaracteriza o desconhecimento das regras do trabalho e do valor que se deve a alguém que lhe emprestou, ou mesmo lhe deixou claro o valor total que inclui o bilhete de passagem, o dinheiro para mostrar na alfândega e entrar no país, e ainda, pode ser o caso, o valor do alojamento e do ponto na rua, caso essa trans se estabeleça em pontos determinados na atividade do *trottoir*. Sobre isso, Cris afirma:

Não, não é que eu levei, eu indiquei, assim, quando a boate falava ou precisava de alguém pra trabalhar aí eu indicava entendeu? As meninas queriam fazer a sessão de fotos entendeu? que é totalmente diferente dessa história de hoje né? que hoje tem aquele... o tráfico né? (...) é que existe

peessoas que dão forças, que ajudam, que são amigas. Aí emprestam dinheiro pra você ir, não sei o quê, mesmo que vá para a prostituição. (...) Porque se você ainda faz aquela linha agiotagem né? Que também é errado, mas, se faz assim: Eu te dou mil, tu me dá dois. Né? Porque também ninguém sabe quando é que tu vai me dar esse outro, esse mil, não é? Mas eu, quando você gasta mil e quer pedir dez em cima, doze em cima, aí eu acho que fica... uma exploração. É realmente uma exploração. Mas, é nada que seja escondido (...) Como elas falam lá no mundo delas: O combinado não custa caro, não é? Então, se você sai daqui, se eu venho pra cá e você tá aqui, vão te entrevistar, a entrevista vai ser isso, isso e isso, vou perguntar isso, isso e isso e eu tô de acordo a responder. Eu não posso amanhã te processar porque você fez essa entrevista comigo aqui hoje. Então, é a mesma coisa que acontece. Eu acredito que nenhuma delas deve fazer isso escondido não, aqui no Brasil acho que não tem... existe mais com mulher né? Mulher que diz que vai ser babá, que vai ser isso, que vai ser aquilo. Quando chega lá põe as meninas pra trabalhar. Mas eu creio que no meio de travesti... O travesti ele tem essa vantagem em relação às outras pessoas, não é tão burro, não é? Catam as coisas muito no ar, muito mais (...). Porque tem a malícia né? de sempre tá achando que alguém vai te querer fazer um mal, que alguém vai te prejudicar. Aí então (...) você aprende a se modificar muito. (Cris.)

Esta fala de Cris, em relação à migração de travestis brasileiras, revela um lado político diferenciado em relação às mulheres, por exemplo, já que, no caso daquelas, os

O fato de as travestis entrarem na Espanha como turistas faz parte da hierarquização entre países. Ser turistas é apenas uma disposição documental que encontram para transpor a linha que separa o Brasil da Espanha.

truques que realizam para driblar os limites do permitido, assim como a própria conjuntura de tráfico historicamente ligado à circulação entre países na qual estão inseridas, é mais forte do que sua vontade de estarem incluídas num mundo globalizado com valor de mercado.

Neste percurso, pode acontecer da pessoa se sentir enganada em relação à expectativa do mercado de trabalho na Espanha, assim como não conseguir pagar a dívida de forma tão rápida como a imaginada; mas, mesmo assim, não impede a circulação entre pisos, cidades, países da Europa que realizam quando saem do Brasil.

Dentre todas as informações levantadas para a elaboração deste trabalho foi constatado apenas um caso de travesti que foi enganada em relação à sua ida para a Espanha. O caso aconteceu na década de 90, quando migrou pela primeira vez (Patrício, 2002). Mas, nenhuma das demais informou, em sua fala, ter sido vítima do tráfico e da exploração sexual⁵ naquele país.

Tais características destacadas por Cris podem constituir um bom argumento para afirmar que a migração de travestis para a Espanha não tem o caráter de tráfico de seres humanos, principalmente a partir das duas últimas décadas. Vale aqui afirmar que a vontade e a voluntariedade das trans em circularem pela Europa, em migrarem com fins de trabalhar naquele continente, é algo muito forte desde os primeiros dados coletado sobre a ida à Europa destas trabalhadoras. (Patrício, 2002).

Por que valorizar a Espanha?

Outra característica que valoriza a escolha da Espanha como rota e como lugar para este estudo é a não existência de propagandas⁶ acerca da rota Brasil-Espanha como propícia para travestis, principalmente entre elas e o Recife.

Um argumento simples pode ser considerado: a novidade da Espanha, pois, quando se compara este país a França da década de 80, e a Itália da década de 90 e atualmente, percebe-se que o fato de não haver, ainda, uma quantidade grande de travestis brasileiras, principalmente cafetinadas desde o Recife⁷, mostra-se como uma atração do mercado, em termos de novidade por lá e por isso, bom para fazer negócios. Para que ir a um lugar onde travestis brasileiras são um dos maiores coletivos de imigrantes profissionais do sexo? Isso fica visível quando se compara o coletivo de travestis brasileiras ao de equatorianas, colombianas, venezuelanas, porto-riquenhas e de outras nacionalidades latino-americanas que se encontram nas esquinas da Calle Desengaño com Barco todos os dias, algumas participando ativamente dos coletivos, ONGs e OGs, de proteção a seus direitos de imigrantes e profissionais do sexo. Lugares onde raramente se encontram brasileiras.

Logo assim, como novidade, a Espanha é um mercado fértil para as trans em todos os sentidos, principalmente em Madrid, que não está controlada por esquemas de tráfico, pelo menos é o que deduzi das conversas e observações com as brasileiras.

Nos estudos sobre migração, verifica-se que foi na década de 80 que se desencadearam “os fluxos da emigração brasileira em direção a outros países estrangeiros” (Sales, 1999, p. 20), assim como o interesse de estudiosos sobre o tema. O que não descarta os projetos pessoais e trânsito de algumas pessoas há mais tempo. Movimentos migratórios diferentes dos de hoje.

Neste contexto, constata-se que desde cedo começa a ser construída uma cultura de busca de ascensão e reconhecimento social, tornada possível com as viagens à Europa. Para isso, a lei soa apenas como mais um dos obstáculos à viagem, em meio a uma série de fatores motivadores para ela. Segundo Sciortino:

En la organización del viaje y el asentamiento, lo que cuenta es conseguir el objetivo dentro de los vínculos económicos y sociales existentes (...). En pocas palabras, llevar a cabo un

proceso migratorio más o menos irregular es, desde el punto de vista de muchos inmigrantes, un problema práctico que comporta costes, riesgos y posibilidades, no un problema moral (2007, p. 109).

Meios ilegais e clandestinos estão por trás dos legais e regulares. Algumas trans vão à Espanha com convite de entrada, ou seja, *carta de invitación* de colegas que já se estabeleceram no país, casaram e por isso conseguiram nacionalidade espanhola. Ou conseguiram vistos de trabalho arrumados pelos parceiros de amigas que já estão na Espanha há algum tempo, como é o caso de Bianca, que foi com um convite, e Sayara, que entrou por contrato com uma *sala de festa* (Patrício, 2002), ambas para a Espanha; e Cris que entrou na Suíça com um contrato de trabalho com o próprio empregador do cabaré.

Situações estas que conferem à migração de travestis

Dentre todas as informações levantadas para a pesquisa, foi constatado apenas um caso de travesti que foi enganada com relação à sua ida para a Espanha.

brasileiras um caráter similar em relação às migrações de mulheres e homens, ou famílias inteiras, com finalidade de ganhar a vida fora de seu país. Mesmo que alguns destes homens e mulheres vão também realizar trabalho de prostituição de prévio acordo.

Em suma, é a situação de circulação entre lugares de trabalho e países e a própria condição do trabalho que lhes é oferecido e a situação de identidade de gênero que as condiciona a circular pelo mundo.

É *no truque* que, conseguem passar pelas fronteiras internacionais, pois saem do Recife, por exemplo, com seus documentos com nomes masculinos, alguns já com fotos que deixam claro as modificações realizadas. É assim que permanecem sadias frente a uma situação de exigência dos clientes, muitas vezes “*drogadicotos*” e que pagam muito bem. Um exemplo é o caso de Érica que, ao invés de cheirar a cocaína com o cliente, quando este lhe oferece mais dinheiro para dividir com ela as *rayas* por toda a noite, disfarça e acaba soprando o pó, deixando um pouco dele em seu nariz, para disfarçar, mas, não permitindo que a substância penetre e, mais tarde, ela possa controlar os programas e seu próprio ganho, além de não se desviar do objetivo que a fez ir para a Espanha. É *no truque* que Palova faz ao juntar as pernas e simular satisfação com a penetração enquanto o cliente pode jurar que a está penetrando.

Mais do que uma questão de ser brasileira e morar em um país que tem problemas de desemprego e desigualdade social e econômica, as trans sofrem discriminação na hora de buscar trabalho, muitas vezes impedidas de continuar seus estudos e mal vistas no mercado por conta da afirmação de seu gênero, não reconhecido socialmente pela maioria.

São elas, as trans, que mantêm funcionando um sistema de circulação de outras trans para a Europa: as primeiras que foram há décadas (o que pode remontar a década de 1970) continuam enviando outras trans, num esquema de ajuda aos pares e manutenção do trabalho, e não de tráfico, pois “viajar através das fronteiras para oferecer serviços sexuais não significa necessariamente estar em situação de tráfico”⁸. Embora a própria lógica do tráfico de seres humanos dê a entender ser esta a situação. E, mesmo sozinhas, algumas vezes participam do processo de redes sociais formadas por “grupos de pessoas ligadas por laços de amizade, conhecimento ou relações de parentesco” (Martes, 1999, p. 43). O que não significa tráfico de seres humanos.

Quando se pensa em tráfico de seres humanos, as interlocutoras entrevistadas para a realização deste estudo *podem* ser entendidas, em sua circulação, como produto e produtoras do tráfico humano em que pessoas e seus corpos são colocados no mercado para serem comprados e consumidos em sua performance corporal e sexual, que desta forma se coadunam com os pugilistas de Wacquant (2000, 2002) e com os interlocutores de Sheper-Hughes envolvidos no tráfico de rins (2001a, 2001b).

Embora podendo ligá-las aos pugilistas de Wacquant e aos traficados de Sheper-Hughes, as travestis brasileiras são conscientes da dificuldade que passarão no continente europeu, “cúmplices de sua própria comercialização” (Wacquant, 2000, p. 140) no mercado do sexo e cientes dos comportamentos *raros*⁹ dos clientes em suas fantasias sexuais.

Elas estão bem cientes do processo de cafetinagem e tráfico no qual *podem* se envolver. Mas é preciso dizer também que, mesmo já tendo uma primeira experiência com a cafetinagem, principalmente as mais experientes na circulação entre países, onde os valores cobrados para a ida à Europa, muitas vezes são superiores ao acordado e as condições de alojamento e trabalho nem sempre correspondem ao prometido, elas acabam por denunciar os danos sofridos, se livrando do laço que as prende a essa violação, como aconteceu com Sol (Patrício, 2002), em sua primeira experiência na Espanha.

No caso de Sol, ela iniciou em Campina Grande (PB) um processo de desvínculo ao esquema de tráfico do qual foi vítima. Começou a ajudar suas colegas, para que não se repitam os mesmos problemas sofridos por ela. As ajudas cobrem os gastos com a chegada a Europa e abrem caminhos naquele continente, mas sem excessiva vigilância da liberdade individual, como acontece no caso específico de tráfico onde os *chulos*, cafetões, se apossam dos passaportes de suas meninas. O que muito ocorre com as nigerianas e as romenas, segundo Piscitelli (2004).

O esquema da *ajuda* aos pares vem seguindo o padrão de “amadrinhamento”, como os primeiros estudos sobre prostituição e travestilidade no Brasil já destacam. *Ajudar*

faz parte de um complexo de situações que colocam as travestis no mercado de trabalho. É uma assertiva que aciona pessoas e remete a situações de solidariedade entre elas, que passa por cima das desuniões, quando se trata de relações com o grupo maior (Mejía, 2006).

Essas ajudas significam o fornecimento de números de telefone de donos de pisos, *representantes de artistas*, colegas para alojamento e até *cafetinas* que as recebam na Espanha e lhes cobram pelos serviços de agenciamento e segurança nas ruas. Contatos de Agências de Escortes¹⁰ e direções certas, para que sua estada seja segura e seu trabalho iniciado o mais rápido possível, pois os ganhos também devem ser rápidos, devido ao tempo disponível naquele lugar (pisos, ruas, cidade, país).

Ajudas que “garantem as coberturas para encontrar trabalho e hospedagem” (Sayad, 1998, p. 74) como o realizado por Érica, com Yuri, que saiu de Bérghamo (Itália) com carta de expulsão para o Brasil, porém resolveu ficar mais um pouco na Europa, se estabelecendo em Madrid na mesma pensão e sob orientação da colega, que já *desceu* Yuri para a Calle Desengaño.

Este esquema de ajuda está diretamente relacionado com as redes de contato, envio e, algumas vezes manutenção, das travestis na Europa. São as redes que originam e sustentam o fluxo (Martes, 1999). Ajudas estas que, enquanto fazendo parte das práticas das travestis brasileiras, por conta de leis (11.106/05) e determinações, acabam por caracterizar em crime o trânsito delas para o exterior (Europa).

Por que migrar?

Diferente de Parella y Cavalcanti (2006), o presente estudo não preocupa de investigar o Brasil, no caso o Recife, como lugar que “alberga una significativa cantidad de hogares marcados o generados por la emigración hacia España” (Parella y Cavalcanti, 2006, p. 243).

A Europa observada – na maioria dos relatos de trans que vivem no Recife é a Itália. Todavia, a Espanha se mostra hoje como nova rota de fluxo migratório (Cachón, Arango, 2007), com diferentes atrações para estas pessoas no Velho Continente. Principalmente quando se trata de migração em busca por trabalho e, conseqüentemente, por dinheiro para investir no país de origem, claro que de forma bem localizada quando se pensa que vão investir no seu próprio corpo, na compra de sua casa, ou de suas casas, no financiamento do próprio negócio e na manutenção de sua família.

A relação entre Espanha e Brasil é diferente de outras, como por exemplo, entre a França e a Argélia (Sayad, 1998, Bourdieu, 1999) por não se configurar como relação entre país colonizador e colonizado (Sayad), ou metrópole e colônia, historicamente falando. Percebe-se, em termos de Brasil uma influência muito forte da Europa, no geral, quando se fala de Portugal e Inglaterra, mas não da Espanha.

Todavia, quando se trata da relação com a Europa, posso alimentar a idéia da busca de “fazer a vida fora” como uma característica de relação entre países (Brasil e Espanha) que poderiam ter sido metrópole e colônia.

Também parece válido utilizar a categoria colonização dentro do modelo *atração e repulsão* (Martes, 1999) que

procura enfatizar as desigualdades econômicas existentes entre as nações, desigualdades estas capazes de produzir diferenças significativas entre os incentivos salariais oferecidos nos diversos países e regiões que irão compor os pólos dos circuitos migratórios (Martes, 1999, p. 34).

Como também, quando se trata da ligação estreita da migração entre “dominante e dominado, enquanto sobredeterminada, quando não totalmente constituída por essa relação de dominação” (Sayad, 1998). A migração prolonga a relação do país, que migra, com a colonização, pois estabelece, através dos migrantes, uma razão de ser através do trabalho, objetivo de quem sai de seu país para se estabelecer em outro, seja por pouco tempo ou para toda a vida. Sayad continua afirmando que as mudanças são constantes na situação de migração.

Se a emigração reproduz assim as reações características da situação colonial, é sem dúvida porque é, como a colonização, o lugar e a oportunidade mais favoráveis à relação de força que engendrou essas reações, a saber, a relação (desigual) entre, por um lado, uma sociedade, uma economia, uma cultura dominadas. (1998, p. 230)

Uma terceira categoria que se adiciona às interpretações sobre fluxo migratório destacada por Arango (2007) como de crescente importância é a dos “países de trânsito”. Entendo que hoje a Espanha possa ser incluída nesta categoria quando se estuda as travestis brasileiras. Isso não exclui a condição de país origem para o Brasil, nem de destino para a Espanha, nem tampouco a condição de país de potencial turístico de cada um, mas é a condição tempo para as circulações entre estes dois países que pode caracterizar o país ibérico como de trânsito.

La adición de un elevadísimo número de países, de origen, destino y tránsito, al mapa mundial de las migraciones internacionales se completa con una fuerte tendencia a la diversificación de rutas y conexiones origen-destino. Si el mapa vigente en la era precedente podía fácilmente dibujarse con unas pocas flechas de gran grosor que partían del Viejo Continente y desembocaban en los nuevos mundos, el actual, incomparablemente más complejo, aparece cruzado por infinidad de líneas más delgadas que conectan prácticamente cualquier otro. Algunas de estas conexiones origen-destino hubieran resultado enteramente impensables hace poco tiempo (Arango, 2007, p. 10).

Ao mesmo tempo que a Espanha, enquanto país europeu, pode ser um lugar de trânsito, por ser escala de muitas trans que se destinam a outros países da Europa, mas que

preferem não carimbar em seu passaporte o país de destino, por exemplo, a Itália, a mesma Espanha se concretiza como um lugar onde ficar é interessante para as meninas que estão de passagem pela Europa. Ou seja, nesse trajeto, passando pela Espanha, se pode ficar desde os 21 dias determinados pelo contrato de cada *piso* até o tempo em que elas se sintam seguras e prontas para seguir viagem para outro país ou mesmo para voltar ao Brasil. Ou ainda, para se estabelecerem, solicitando a naturalização através de uniões com espanhóis. Homem ou mulher.

Isso se manifesta, segundo Arango (2007), devido ao número elevado e crescente de países implicados na migração internacional e na multiplicação de rotas migratórias, nos quais se inclui o Brasil e a Espanha. O número de países receptores se multiplicou segundo Arango, pois se caracterizam como lugares de “destino de fluxos de múltiplas procedências”. Estes se agrupam em quatro grandes sistemas migratórios internacionais – “Norteamérica, Europa Occidental, la región del Golfo Pérsico y la cubeta occidental del Pacífico”. Para este autor, mesmo que haja

É a situação de circulação entre lugares de trabalho e países e a própria condição do trabalho que lhes é oferecido e a situação de identidade de gênero que condiciona as travestis brasileiras a circular pelo mundo.

diversos tipos de migrações, determinadas e pensadas principalmente pelos países de destino de migrantes internacionais, quase “todos los países manifiestan una clara preferéncia, más o menos reconocida, por fórmulas de inmigración temporal” (Arango. 2007, p. 14), devido ao fato de se pensar a migração como problema (Arango, 2007, Sayad, 1998)

Por isso é importante repetir a pergunta do início do estudo: O que desencadeia as migrações de travestis brasileiras para a Europa e, neste caso, para a Espanha?

Não são apenas as questões do ponto de vista macro – *a desigualdade entre as nações* – ou do ponto de vista micro – *resultado de opções individuais* – como desenvolve Martes (1999) como crítica ao modelo explicativo de atração e repulsão, são determinantes para a migração de trans brasileiras. Muitos aspectos não podem ser negados embora tenham que ser criticados pelo seu determinismo, e nisso Martes está certa: “os fluxos de emigração ocorrem das áreas mais pobres em direção às áreas mais ricas, e não vice-versa (...); os emigrantes partem em busca de melhores salários e oportunidades” (1999, p. 35).

Mas, o que dizer das trans espanholas que migram para a França, Holanda e Suíça? Significa que elas buscam melhores salários no mercado do sexo desses outros países europeus? Significa que nesses outros países as espanholas teriam melhores oportunidades no mercado em que estão inseridas? A resposta é afirmativa, mas, não significa que o seu lugar de origem sofra com o “estigma de país do-

minado”, colonizado pela metrópole França, Holanda ou Suíça. Embora se reconheça o potencial histórico hierárquico destes países como países do norte e, por isso, sua representação de poder enquanto nação dentro de toda a Europa.

Isso não significa que as trans espanholas, por serem espanholas, tenham que sair de seu lugar porque o preconceito contra elas chega à perseguição violenta e política dentro do país, como acontece com algumas pessoas homossexuais de países árabes ou mesmo algumas trans de países mais conservadores.

É importante aqui fazer um pequeno levantamento de quem são as brasileiras que migram para a Espanha. Primeiro, as entrevistadas em Recife. Depois, as que estiveram na Espanha no mesmo período em que foi realizada a pesquisa para este estudo.

Em Recife, das 14 entrevistadas, 8 já circularam, circulam ou estão nas vésperas da ida a Europa. Ou seja, 57,14%. Destas, a metade foi para a Espanha.

Em Madrid, as trans brasileiras entrevistadas, oito no total, vêm de oito diferentes estados brasileiros. Destas, apenas três foram diretamente para a Espanha. As demais fizeram rotas e paradas para trabalho em outros países da Europa. Sem exceção alguma, todas elas vão a Europa com o objetivo de trabalharem. Algumas já não mais realizam prostituição no Brasil, o que exatamente fazem na Espanha. O que mais atrai para o trabalho é ganhar dinheiro fora do país e o fato de poderem investir em si mesmas. Cinco das oito interlocutoras ouvidas em Madrid fizeram modificações corporais com o dinheiro que ganharam na Europa, mesmo que tenha sido, algumas delas, com *profissionais* brasileiras, seja ou não na Espanha.

Das entrevistadas em Recife, a justificativa de conseguir dinheiro para montar um negócio, e ajudar a família tem destaque. As da segunda parte da pesquisa, em Madrid, também têm a ajuda à família como objetivo importante, como é o caso de Érica e Vivian que acabaram de construir as casas de suas mães. E estavam, no momento das nossas últimas conversas, guardando dinheiro para comprar seu automóvel e montar um negócio para não terem que voltar mais a Europa, o que acabara de realizar Grazita assim que eu retornei da Espanha e ela para o Rio de Janeiro.

A grande maioria vem de famílias de classe popular que ascenderam socialmente, principalmente pelo fato delas, com o dinheiro da Europa, investirem na carreira de irmãs e inverterem seus soldos no sustento dos familiares. Logo assim, o que circula não são apenas pessoas, mas também, e com mais força, o capital que estas pessoas adquirem com as suas viagens pelo mundo (Martes, p. 1999).

Todas aprendem a língua do país destino já no território europeu. No começo aprendem apenas algumas palavras e frases importantes para o próprio trabalho que

realizam, como, por exemplo: *Hola; Guapo; Follar; Chico; Tio; Mujer; Mira; Tienes...; Gracias; Tarjeta; Papeles; Polla; Tetas; Culo; Morbo; Cachonda...*

É o trabalho, ou seja, a falta de oportunidades de conseguirem um posto de trabalho que as sustente e as tire da prostituição de rua no Brasil, devido à violência de todos os dias, um dos motivos fortes pelo qual as trans brasileiras buscam a Europa. Principalmente porque o trabalho lá fora lhes rende mais. Mas, não é a busca de trabalho que caracteriza a saída delas do país enquanto migrantes, e sim, enquanto travestis. Porque maior que a condição de brasileiras em busca de trabalho, é a condição de gênero, mais gritante, quando se trata de conseguir algum serviço que não as discrimine e lhes possibilite manter os gastos do dia-a-dia. Ou seja, a identidade de brasileiras, a brasilidade, não impede as pessoas de trabalharem em seu país, ou em outro que seja, apenas a formação educacional direciona qual o posto que se pode assumir. Mas é a condição de gênero que limita ou impede que se consiga trabalho.

As travestis no Recife, que trabalham em outra atividade que não seja a prostituição, são aquelas que conseguiram investir o dinheiro ganho na Europa em algum negócio (Grazita, Ellen, Cris) ou as que decidiram se modificar corporalmente, depois dos estudos completos e trabalhos firmados (Eline, Dorian, e Vívian, no Ceará).

Na Espanha não é diferente, a não ser quando a família é de classe mais abastada e apoia o filho na sua condição de gênero e modificações corporais realizadas em tenra idade.

É no truque que conseguem passar pelas fronteiras internacionais, pois saem do Brasil com seus documentos com nomes masculinos.

Como é o caso de Cláudia Leon, ativista transexual de 30 anos de idade; desde os 19 anos está modificada corporalmente, viveu com os pais e agora vive com sua companheira mulher. É jornalista formada e foi sustentada, por muito tempo, pela família de classe média, segundo informou. Um outro caso, bem diferente, é o de Paola, que saiu de Campina Grande, graduada em Letras com habilitação em francês, e foi tentar viver e trabalhar fora do país. Já na Europa, começou a se assumir e modificar seu corpo. Fato ocorrido juntamente com a obtenção da nacionalidade espanhola e a Lei de Identidade de Gênero (03/2007) que agilizou as trocas de nome e sexo no seu documento de identificação registral. Paola percorreu vários países até se estabelecer em Madrid e iniciar suas mudanças (transgenitais) e sua vida como mulher. Neste tempo, há mais de 10 anos, ela trabalhou fazendo limpeza em casas de conhecidas, como também realizou cursos oferecidos por ONGs e OGs na capital da Espanha, o que lhe dará curriculum para arranjar outro trabalho quando tiver seu documento em mãos, e com isso possa ser aceita sem o estigma de transexual. Mas, diferente de Cláudia, Paola iniciou suas

modificações apenas quando chegou à Espanha, longe da família de origem e depois dos 35 anos de idade.

Na literatura disponível, Assis e Sasaki (2000) afirmam ser o fluxo migratório Brasil/Europa caracterizado pela questão de trabalho. No caso da Itália, os imigrantes brasileiros se inserem em setores de trabalho pouco qualificados e mal remunerados, muitas vezes ligados ao turismo, considerado um dos mais rentáveis setores de atividade no país (Assis, Sasaki, 2000, p. 21). Neste setor, a migração ilegal foi ligada inicialmente a travestis e muitas delas presas por tráfico de drogas.

Na Espanha, o problema enfrentado pelas autoridades tem muito a ver com o mercado do sexo. Seja em relação a migrantes da América Latina ou mesmo os do Leste europeu, principalmente quando se trata de mulheres. Na verdade, quem migra para este país clandestinamente, ou seja, de forma simulada se passando por turista, por exemplo, está em busca de ganhar vida, arranjar um trabalho, seja no setor da construção civil, da prestação de serviços domésticos (Fernandes, 2008) ou mercado do sexo.

Não é possível fazer uma análise comparativa entre as duas cidades de investigação, Recife e Madrid, embora ambas sejam capitais, de estado e comunidade, sejam cidades metropolitanas e representem um fluxo de chegada e saída de pessoas de todas as partes do mundo.

Juaquín Arango (2007) trata, dentre outras coisas, de políticas de admissão de imigrantes em países-destino. O autor afirma que há quatro categorias de políticas de admissão: a econômica, a familiar, a humanitária e a irregular. As travestis brasileiras se encaixam na primeira e quarta categoria. Na primeira, porque vão para a Europa, no caso, a Espanha, para trabalhar e juntar dinheiro com o intuito de investir no corpo e construir bens e ainda ajudar familiares no Brasil. Constituem exatamente os 1% de Martes (1999, p.50), ou seja, as que têm como motivos para emigração “ganhar dinheiro para adquirir bens no Brasil”.

Insisto em afirmar que ser móvel faz parte da construção e reafirmação da identidade da travesti brasileira. Mesmo com riscos, pois o risco faz parte da própria condição de afirmação delas mesmas enquanto trans, no gênero e no trabalho. Há custos altos que são supervalorizados pelas interlocutoras como fazendo parte de um *continuum* de experiências necessárias para o estabelecimento e manutenção de sua identidade enquanto travestis, não só por serem brasileiras. Os riscos e custos fazem parte da própria condição de viajantes pelo mundo e do estabelecimento de algumas no território espanhol, como é o caso de Érica, que ficou na Espanha por dois anos, o que lhe acarretou algumas cartas de expulsão e oitenta dias no Presídio El Soto, onde foi acusada, e inocentada, pela Interpol, de participar de esquemas de Tráfico de Seres Humanos desde Goiás.

A própria mobilidade é também uma estratégia, um

“truque” das travestis para se manterem protegidas, pois, de acordo com o trabalho que muitas delas realizam – a prostituição – algumas se envolvem em situações de marginalidade e desenvolvem rivalidade com outras travestis, principalmente quando estão em trottoir, o que gera repressão à sua pessoa, já estigmatizadas pela condição de gênero.

Tempo e identificações

A primeira questão que surge ao pensar o fluxo migratório de trans brasileiras é o período de tempo que dedicam à circulação entre países.

As instâncias variam de pessoa para pessoa, dos objetivos de cada uma, das obrigações adquiridas no Brasil e dos acasos da situação de trabalho, principalmente, que

Um dos principais motivos que levam as trans brasileiras a buscar a Europa é a falta de oportunidades de conseguirem um posto de trabalho que as sustente e as tire da violência diária da prostituição de rua no Brasil.

surgem na trajetória enquanto migrantes, algumas cafetinas e outras livres desta condição. O período de permanência vai de 3 meses até 10 anos, quando as interlocutoras devem retornar para o Brasil.

Hall (2001, p. 69) afirma que a última fase da globalização tem impacto sobre as identidades nacionais na compressão espaço-tempo. Estas identidades, como entendo, são estabelecidas no movimento entre nações e em espaço de tempo pequeno quando se pensa em fluxos migratórios.

Uma outra questão importante trata da nomeação da Europa e *européia* para as interlocutoras. Não interessa muito o lugar da Europa aonde vão, o que mais dá destaque às migrações é o fato de irem para o velho continente. Ou seja, ir para a Itália, a Espanha, Portugal, Suíça, França ou Holanda significa mesmo é ir para Europa. E o que se diferencia nelas é a especificidade de cada lugar nos discursos.

Até porque o destino no bilhete de saída do Brasil significa apenas o primeiro trajeto em que vão aportar no território europeu. Muitas vezes, e esse foi o caso de algumas das entrevistadas, até chegar ao lugar onde vão ficar, pelo menos nas primeiras três semanas, elas passam por outros aeroportos e por outros países. Estar na Europa, ou ter ido à Europa, confere à identidade da travesti uma qualidade superior às demais que não conseguiram, ainda, sair do país.

Hall já afirmara que

as identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência a globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (2001, p. 69).

Essas identidades “híbridas” das quais ele fala podem ser entendidas como novas identidades de gênero que a Teoria Queer tenta nos explicar ao longo de sua trajetória de estudos sobre Sexualidade.

A globalização, em seu processo complexo de homogeneização, oferece um modelo para as trans, por exemplo, de pertencimento ao mundo. São as trans brasileiras se intitulando *européias* que nos mostram o quanto podem ser, ao mesmo tempo, do Brasil e da Europa. Terem nascido em um país da América Latina, mas tendo adquirido comportamentos, *habitus* (Bourdieu, 1988, 2007) do mundo globalizado, do mundo onde se ganha glamour, de onde se traz riqueza na bolsa, do mundo que lhes dá condições de colocar-se como úteis perante seus pares e familiares. O

mundo do acesso à tecnologia com maior facilidade e da mobilidade de poder circular dentro dele como se circula pelo seu Pernambuco.

O fato de sair do país origem e ir para a Europa é mais forte do que o trajeto que se vai fazer. O trajeto é algo bem diferente para cada uma, pois chegar no destino é

uma questão de condição para a viagem: se vai através de cafetina, com carta convite de alguma amiga, com *passaporte vermelho* (termo utilizado para falar do item que lhe dá nacionalidade), ou mesmo sob as próprias condições financeiras.

Desta forma, ser travesti e brasileira é estar em circulação espacial sob a condição da mobilidade em muitos aspectos, principalmente quando se utiliza de *truques* para se manter em circulação internacional, como têm feito as trans que tenho ouvido nestes últimos anos.

Assim, é através da mobilidade na migração entre nações que as travestis alcançam o mais importante em suas trajetórias de vida enquanto pessoas que buscam, nesta circulação, dar certo na vida. Mobilidade esta vinculada a maneiras de fazer – truques – para continuarem valorizadas no mercado de trabalho em que estão inseridas e num mundo globalizado que as destaca dentre as demais, pelo fato de estarem circulando, consumindo e aprendendo novas performances e “jeitinhos” de driblar os limites de cada um, assim como as fronteiras, cada vez mais fechadas, da Europa.

Notas

¹ A palavra traduzida significa aqui transferir, transportar entre fronteiras.

² Apenas com uma das interlocutoras, Paola, encontrei na fixação de residência o objetivo de sua migração, mas esta se destaca dentre as demais por diversos motivos, um deles é o desejado desligamento do país de origem, principalmente em termos familiares, e a mudança corporal total – a transgenitalização – como objetivo de seu distanciamento.

³ Ou apartamentos.

⁴ Vagas nos locais onde se faz prostituição.

⁵ Em relação a exploração sexual, a concepção que elas têm sobre prostituição muito influencia na hora de permanecer no mercado do sexo, seja no Brasil ou na Europa.

⁶ Significa aqui as propagandas de boca a boca que as trans fazem das rotas que já conhecem e das rotas novas que podem receber novas travestis brasileiras, assim como a possibilidade de haver uma cafetina, ou um cafetão que aponte a Espanha como possível lugar, pensando no Recife como lugar de saída delas.

⁷ Das entrevistadas em Madrid, temos: Byanca da Bahia; Vívian do Ceará e Érica do Maranhão, embora esta tenha moradia fixa em Goiás desde muito jovem. Vale ressaltar que não entrevistei novamente as travestis já investigadas em Recife, que naquele momento da pesquisa estiveram na Espanha, apenas mantive contatos e confirmei alguns dados.

⁸ Relatório Guarulhos. SP. 2005: 07. In: Agustín, 2005; Kligman e Limoncelli, 2005; Ribeiro e Sacramento, 2005.

⁹ Raro significa aqui estranho e não situações ocasionais.

¹⁰ Escortes são estabelecimentos de agenciamento de garotas e garotos de programa. Oferecem festas com frequência e se localiza em ambiente próprio, assim como podem locar e se deslocar para espaços que o cliente sugira.

Bibliografia

AGUSTÍN, Laura Maria. “Trabajar en la industria del sexo”. Madrid: *OFRIM/Suplementos*, Junio 2000, Pp. 155-72.

_____. “La industria del sexo, los migrantes ya la familia europea”. *Cadernos Pagu*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: (25) Julho-dezembro de 2005. P.107 a 128.

ARANGO, Juaquín. “Las migraciones internacionales em un mundo globalizado”. *Revista Vanguardia Dossier*. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira, SASAKI, Elisa Massae. “Novos migrantes do e para o Brasil: Um balanço da produção bibliográfica”. *Cadernos CNPD*, Brasília, 2000. Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições para Políticas. Brasil. 2000.

BALDWIN-EDWARDS, Martin. “La migración en la región del Mediterráneo”. *Revista Vanguardia Dossier*. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007.

BOURDIEU, Pierre. *La Distinción*. Madrid: Taurus, 1988.

_____. *O poder simbólico*. Portugal: Difel/ Bertrand Brasil. RJ. 1989a.

_____. *A Miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes,

1999.

_____. *A Distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CACHÓN, Lorenzo. “Diez notas sobre la inmigración en España 2006”. *Revista Vanguardia Dossier*. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007

CASTILLO, Isabel Yépez del, VILLEGAS, Víctor Manuel Méndez. “Las peculiaridades de America Latina y el Caribe”. *Revista Vanguardia Dossier*. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L., 2007.

FERNANDES, Duval. “Fontes de dados para a estimativa do volume de imigrantes na Espanha: notas introdutórias”. Madrid, 2007 (mimeo).

Grupo da Vida. “Prostitutas, ‘traficadas’ e pânticos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o ‘tráfico de seres humanos’”. *Cadernos Pagu*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: n. 25, p.153 a 184 Jul./Dez. 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANNERZ, Ulf. “Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional”. *Revista Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, abr. 1997.

LEHMANN-KARPZOV, Ana Rosa. *Turismo e Identidade. Construção de identidades sociais no contexto do turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade do Recife*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco: (Mimeo.) Recife, 1994.

MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTINIELLO, Marco. “Integración y diversidad en una Europa multicultural”. *Revista Vanguardia Dossier*. n. 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007

MEJÍA, Norma. *Transgenerismos. Una experiencia transsexual desde la perspectiva antropológica*. Barcelona: Edicions Bellaterra, Série general universitaria, 2006.

PARELLA, Sônia, SOLÉ, Carlota Y CAVALCANTI, Leonardo. “Una aproximación cualitativa a las remesas de los inmigrantes peruanos y ecuatorianos en España y su impacto en los hogares transnacionales”. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. Número 116. Octubre-diciembre de 2006. P. 241 a 257.

- PATRÍCIO, Maria Cecília. *Travestismo. Mobilidade e Construção de Identidades em Campina Grande*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, mimeo, 2002.
- PISCITELLI, Adriana. “Entre a praia de Iracema e a União européia: turismo sexual internacional e migração feminina”. PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena, CARRARA, Sérgio. (Org.) *Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Ed. Garamond. RJ: 2004.
- Revista Triunfo*. Espanha, 1977.
- SALES, Tereza, “Novos fluxos migratórios da população brasileira”. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, 8 (1/2), 1991.
- _____. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração. Ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SCIORTINO, Giuseppe. “Algunos elementos para comprender a los ‘irregulares.’” *Revista Vanguardia Dossier*. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007.
- SCHEPPER-HUGHES, Nancy. “Bodies for Sale - Whole or in Parts”. *Body and Society*, Vol. 7 (2-3): 1-8. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications, 2001a.
- _____. “The Global Traffic in Human Organs”. A Report Presented to the House Subcommittee on International Operations and Human Rights, United States Congress on June 27, 2001b.
- SILVA, Sandro José da. *Entre plumas, interdições e reivindicações: discursos e imagens sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970*. Monografia apresentada no Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2008.
- WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. “Putas, escravos e garanhões: Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais”. *Revista Mana*. 6 (2), p. 127-146, 2000.